

10.
200

DUAS PALAVRAS
DE UM BRASILEIRO

AO

PUNHADO DE VERDADES, & & &

DO REDACTOR DO SALAMALEK



IMPrensa DE J. G. DE SOUSA NEVES
65—Rua d'Atalaia—67
1870

11

2212

Amman

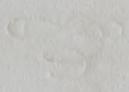
BUS PALAZAR

DE JIM BASHNETO

10

UNION DE VENDAS, S. A.

NO. 1000 DO BARRIO



IMPRESA DE J. G. DE SOUZA
CALLE DE LA UNION - 10
1910

Com um longo titulo, que tem ares de cartaz de tourada, acaba o sr. Urbano Loureiro de publicar uma especie de diatribe contra o sr. Porto-alegre, e os Brasileiros, dedicada aos Portuguezes, que, *residindo ou tendo residido no Brasil, não renegaram sua patria.*

Felizmente, para esboroar aquelle longo amontoado de calumnias e grosserias, não irei ao campo das declamações, não me servirei das armas recriminativas, mas sim das proprias asserções do sr. Loureiro, pois que aquelle seu escripto, pela materia e pela fórma, não é mais do que um verdadeiro SUICIDIO MORAL.

O sr. Urbano, que nos enlevos de seu puritanismo patriotico, e de seu constante atticismo, nos chama de *Cains por indole*, estampou na sua Dedicatoria o seu espirito fraternal, e sua amisade a irmãos, cujo crime é amarem a terra de suas esposas e filhos, e trazerem de lá uma fortuna, que inveja muito malandrim.

Certamente, que um escripto tão consciencioso, tão logico, e tão polido e *urbano*, não devia ser offerecido a tantos renegados, e menos a portuguezes que se deixaram *surrar* por dinheiro!!!

Este insulto inqualificavel feito a tantos varões gratos e laboriosos, revela a hediondez do character do sr. Urbano, e o terror panico de que está possuido, vendo que o echo de

seus insultos ao Brasil, se reflecte em todo o reino de Portugal por sumptuosas manifestações a favor e em gloria do Brasil; revela grande medo da procella que se levantou no Porto contra o falso patriota, que se agarra á plebe invejosa, como a derradeira protecção de seus desvarios odientos, e odiados.

O falso patriota, o invejoso por excellencia, depois de ter abocanhado os homens que fazem a gloria da geração actual de Portugal, e de insultar seus irmãos em ambos os hemispheros, procura agora cantar a palinodia, querendo assim justificar um passado reprovado por todos os homens serios e espiritos conciliadores; e para isto se serve de um brasileiro, a quem provocou de caso pensado (como ineptamente o confessa em uma de suas cartas), para conseguir um indulto, que afasta a cada momento, por suas imprudentes malversações e perigosas injurias.

Não se moralisa, desmoralisando, e nem se capta attentões com successivas desattencões. A infeliz organização moral do sr. Urbano, *sem urbanidade*, é como a physica de certos cantores, que sempre desafinam. No seu escripto estão todas as dissonancias do ente vulgar, e de um coração estragado, sem remedio.

Consta a celebre diatribe de 64 paginas; 4 da incompleta correspondencia que houve entre elle e o sr. Porto-alegre; 19, pouco mais ou menos, de vulgares declamações, apodos indecentes, insultos desbragados, contradicções palpaveis, calumnias gratuitas, e ridiculas pataratas; e o resto de fragmentos de defesas em processos de moeda falsa.

Na correspondencia falta a *primeira carta* que o sr. Urbano escreveu ao sr. Porto-alegre, a qual mereceu aquella violenta e justa *resposta*, que o sr. Urbano se esqueceu de imprimir, para mostrar sua boa fé, logo no principio de seu infeliz ataque. Vimos a *carta sonogada*, quando fomos dar os pesames ao respeitavel velho, pela perda de sua mãe; vimos essa carta tão insolentemente provocadora, e tão insultuosa ao exercito brasileiro! Valha-nos Deus com o

sr. Urbano e seus *centos de amigos!* Não parecem portu-
guezes.

Por esta leitura, e pelo que nos disse o sr. Porto-alegre, soubemos que este escrevera sómente ao sr. Oliveira, vendedor do Salamalek, pedindo-lhe 200 exemplares do n.º 11 do dito periodico, os quaes eram para elle e dois brasileiros notaveis, que partiam para o Brasil.

Qualifica o sr. Urbano este pedido, tão agradavel a quem vende seus escriptos, de *infamia* e de *covardia!* E que tal?! Pois é infamia espalhar seus escriptos, e covardia comprar mais de um exemplar d'elles? Infamia e covardia é escrever e publicar aquillo que se não quer que se leia fóra de certos limites ou do circulo d'esses *centos de amigos*, que vão com as idéas do escriptor! O que isto mais significa é que o sr. Urbano não é livre inteiramente, e que esses dois epithetos recaem sobre elle, que escreve sem consciencia, e tem medo do que escreve! *Infamia e covardia.*

Em cada pagina da selvagem diatribe se encontra o escrevinhador villão, e um hypocrita muito vulgar, pelos desalinhos e inconsequencias de seu rude e feroz coração.

O ar inflado e ridiculo do falso patriota, em suas torpes e estereis declamações, nos faz lembrar esses Hercules de feiras, trepados em pipas velhas, a fazerem contorções forçadas e attitudes ridiculas, com o fim de apanharem alguns patacos, e serem victoriados pelos lapuzes, cujos esgares aparvalhados elles tomam pela expressão de uma perfeita admiração.

Ora diga-me, sr. Urbano: Qual é o homem de senso e de criterio, que toma por provas irrefragaveis as defesas dos advogados em crimes provados, e tão provados que seus authores foram condemnados? Para se affirmar que todos esses processos de moeda falsa foram obra das artimanhas do vice-consul do Brasil, com o fim de enterrar mãos e cotovellos nos *motões de ouro*, que tinha á sua disposição, é de toda a urgencia que egualmente se prove que o Governo Civil, que os Juizes, as Relações, e o Supremo Tribunal de Justiça cederam ás suggestões do poderoso vice-consul, e

condemnamam iniquamente todos esses innocentes, que gemeram nos carceres, e foram degredados para fóra do reino. Se o sr. Urbano provar isto, o sr. Porto-alegre retracta-se do que lhe escreveu, porque é homem serio.

A verdade é dos factos; e Portugal não é uma nova Beotia para engolir esses descosidos retalhos, essas *pataratices*, e essa sua devotação de amouco aos moedeiros falsos, que não deixa horisontes claros a quem conhece o mundo, e avalia a planta pelo fructo.

Ha espiritos que parecem feitos de um raio do sol, outros da luz siderea, alguns do aroma das flores, e raros do cheiro que exhala aquella vara que sonda e avalia a *sellecta!* Estes ultimos pertencem áquella classe de réprobos, em cujos olhos tudo se afeia, em cuja boca tudo se conspurca, em cujas mãos tudo se infecta, e em cujo peito tudo se corrompe!

Na patria de Garret e de Soares Passos, ha uma especie de Esopo de botequins, improvisador de calumniosas fabulas contra o Brasil e seus respeitaveis filhos; improvisador de diffamações contra seus proprios irmãos; este Esopo tem até a impudencia de intentar sua propria apotheose, e querer subir sobre a nuvem infecta de seu bafo apodrentado!

O SALAMALEK de hoje não é mais do que uma reincarnação do ASMODEO de 1859, o qual depois de accommetter, com um dialecto de boleia, todos os brasileiros, passou a insultar todas as brasileiras, como a mulher perdida, que odeia toda a virtude! Aquelle demonio côxo reaparece agora transformado em um corcunda, para justificar a natureza, que marca com um signal repulsivo todos os maus espiritos, apontando-os assim á execração dos homens, para não desmentir as relações do physico com o moral.

A indole satanica e missão perturbadora dos dois demonios é a mesma, com a especialidade de que este substitue aquellas delicadas senhoras, amaveis esposas e modélos maternaes, por seus irmãos e filhos, por esses heroes incansaveis que acabam de mostrar ao mundo os exemplos mais

bellos de todas as virtudes do patriotismo! E o demonio giboso, mais perverso do que o côxo, não satisfeito com os apodos, injurias e calumnias que lança contra os brasileiros, afia os dentes na pedra de escandalo, para assim melhor morder nos portuguezes, que saudosos regressam á patria, para n'ella gosarem d'esse ocio honroso, tão preconizado em todos os tempos e paizes; e é este demonio inhospito e adverso a seus proprios irmãos, quem pragueja e calumnia nossa generosa hospitalidade, confessada tantas vezes, até pelo ingrato e corrupto Biard!

A fortuna e serviços d'estes repatriados, quanto não tem cooperado para a regeneração de Portugal, do que são provas os galardões publicos que tem merecido, já em condecorações honorificas, em titulos de nobresa, e até nas cadeiras de ambas as camaras! Quanto aos que lá estão no Brasil, *deixando-se surrar*, segundo o sr. Urbano, não ha quasi paquete que de lá não traga provas de seu generoso patriotismo, corporificado aqui em bellos edificios, instituições pias, monumentos heroicos, e pão a muitos desgraçados. Os jornaes e os factos constantes attestam o que assevero.

Se eu gostasse de recriminações, citaria agora as palavras de um intelligente e laborioso portuguez, estampadas em um folheto, a respeito da hospitalidade que aqui encontram muitos dos que regressam, cuja sorte elle compara á dos judeos no proprio paiz em que nasceram. Se o Brasil surrasse os portuguezes, de ha muito teria cessado essa corrente de emigração, que o governo de Portugal tem querido em vão diminuir.

O sr. Urbano Loureiro é tão insensato, que não pondera o que escreve, e nem as consequencias de suas intenções! Fingindo amar seus compatriotas, que residem ou residiram no Brasil, os ultraja e infama a cada momento, pintando-os como homens, que abdicam toda a dignidade humana, se sujeitam a toda a sorte de humiliações, e se desnaturam moral e civilmente pela avaresa e ambição de riquezas!

É o que faz quem escreve sem consciencia do que diz, ou quem é pago para injuriar sem regra.

Sem uma intenção hostil e calculada, sem um espirito inimigo da verdade, não é possível escrever-se o que escreveu o sr. Urbano sobre o fim do presidente Lopez, tendo pleno conhecimento do facto, pois que cita as ultimas palavras d'aquelle selvagem ambicioso, que só teve em toda a sua vida criminosa um apparente momento de grandesa, quando mentindo a Deus e aos homens, disse: Morro com a patria!

É preciso ter uma organização moral muito especial, e uma audacia de charlatão, para se escrever em Portugal o que o sr. Urbano escreve a respeito do Brasil! Improvisa, como se discorresse sobre alguma tribu do centro d'Africa, ou de algum paiz hyperboreo, onde lá não vae um só portugez, e cuja lingua ninguem cá entende. A proposito de lingua, diga-me sr. Urbano: o sr. falla bem portuguez? Vamos lá, patarata á parte, seja uma vez sincero, e diga-me a verdade? Se me disser que sim, provarei que não; e que a sua orthoepia ainda não foi approvada em Portugal. Sendo assim não venha chacotear dos brasileiros: ha vicios em todos os paizes.

No seu libello vi uma galanteria, que parece uma parodia. Quando v. s.^a citou as palavras de um defensor da moeda falsa que disse: «NÓS É QUE SOMOS ROUBADOS!» fez-me lembrar aquelle ladrão do Robert Macaire, que depois de atacar a berlinda do emigrado, ter arrombado as mallas, espalhado a roupa, e procurado em vão dinheiro, diz tragicamente: JE SUIS VOLÉ!

Causa riso e mais alguma coisa, a intolerancia d'este sr. Urbano, que dá ares de um perfeito Iroquez, quando quer impôr silencio ao sr. Porto-alegre, e prohibir-lhe de responder ás injurias e baldões que lança contra a nossa patria e nós, dando como lei o ser elle hospede!

Que bella hospitalidade e que excellente *urbanidade*!!

Por ser forasteiro, deve o honrado brasileiro soffrer ca-

lado, como uma alforreca social, todo o lixo mental da sua inhospita hospitalidade? Quem lhe ensinou isto?! Então, que diz? Se isto não se pratica na tribu dos Alarves, quanto mais em um paiz livre e civilisado, como Portugal!

Desejar que o hospede se cale e respeite o hospedador, que lhe atira, sem causa, á face toda a encyclopedia de doestos, de que só é rico o homem grosseiro e crapuloso, é estabelecer uma abrogação completa do direito natural; é dizer cynicamente: Estrangeiro, a offensa não tem valor na minha terra; se te derem uma *bofetada*, cala-te, agradece, e *pede logo perdão* da injuria futura que poderás commetter.

Isto é mesmo de um admirador de Lopez!

Nós, brasileiros, seguimos a maxima de Chateaubriand, que passou sempre por ortodoxo: «Se te derem na face esquerda uma bofetada, responde-lhe com duas, seja em que face fôr.» Estabelecida esta immuniidade *urbana*, o que seriam as nações. O sr. Urbano é um portento! Veja se tira privilegio de invenção.

Admira que o author do tal principio *urbano*, e por seu comico apostolo reconhecido com o dogma, não seja por elle observado, pois que se apresenta por outro lado como o defensor extrenuo dos portuguezes que estão no Brasil, onde segundo sua fecunda imaginação, e inqualificavel petulancia, *são surrados!*

Se são forasteiros, pela sua lei, deveriam soffrer calados, e beijarem o vergalho hospitaleiro. O sr. Urbano não se deve metter a escrever, porque para isto não basta a audacia: a sua doutrina não tem senso commum, e a sua logica é de regateira.

Foi talvez fundado no tal principio *urbano*, que este senhor escreveu aquella carta provocadora, que assentou em sua honra e gloria sonegal-a. Pobre Polichinello!

Uma outra amabilidade do *urbanissimo* senhor é a seguinte: A cada instante nos chama de mulatos e negros, e até de irmãos bastardos! Além d'isto, impa-se, e nos accusa do cancro da escravatura, no momento em que todo o Bra-

sil se une para derrancar do solo esta herança fatal de nossos paes, e está dando exemplos de humanidade e desinteresse, que não deu n'este ponto nação alguma!

O sr. Loureiro sabe que os escravos não foram introduzidos em Portugal pelos brasileiros, pois que n'esses tempos ainda os não havia; sabe tambem que os que foram levados da Africa para o Brasil, não foram por estrangeiros, pois que lá não negociavam, mas sim por nossos paes, que sempre gostaram de escravisar, e tanto assim que tiraram aos indios a alma, reduzindo-os a animaes, para melhor os escravisarem como os escravisaram.

A proposito d'este criminoso commercio, eu poderia agora esmagar o sr. Urbano mas não quero, por que não gosto de arranhar feridas. Pergunto-lhe sómente se todos os homens que estão sujeitos á corôa portugueza são livres?

Vamos a outro ponto, e digamos mais uma palavra ao moralista de prostibulo.

O primeiro mulato, que nasceu no Brasil, foi o filho de um senhor com uma escrava, de um portuguez com uma negra, e, seguindo a condição do ventre materno, foi vendido... Basta. Esse mulato foi seu parente, assim como o são os que lá existem, e tanto os reconhece o sr. Urbano, que os chama de IRMÃOS BASTARDOS!

Agora, se todos os brasileiros são bastardos, segue-se que o Brasil nunca teve lá um portuguez moral! É a conclusão de sua estúpida e malvada asserção, sr. Urbano. Repita ainda que somos *Cains por indole*.

Como tenha visto e ouvido mais do que o sr. Urbano, dir-lhe-hei o que sempre observei em todos os aristocratas de pelle. Todos os que fallam muito contra mulatos e negros, tem seus bisavós na costa d'Africa. Confesse que ha mulatos em Portugal, e alguns já disfarçados. O decreto de alforria de muita gente, lavrado pelo marquez de Pombal, ainda não tem duzentos annos, que é o tempo necessario á quarta geração, que é branca, quando os paes são brancos successivamente, e as mães sobem de grau.

Aqui nunca a raça hade ser toda pura, porque lá estão as ilhas de Cabo Verde, e a costa d'Africa, que sempre hão de fornecer tinta para a mescla.

Vejo que o sr. Urbano se finge, para seus fins, mais ignorante do que é; assim tenha paciencia:

Quem diz o que quer, ouve o que não quer.

Estas palavras de mulato, bode, negro, tem sido sempre a principal origem de quasi todas as desordens e vias de facto entre brasileiros e portuguezes no Brasil.

Tenho andado por toda a Europa, e nunca encontrei esta aristocracia de pelle como aqui, excepto quando a mulata tem dinheiro. Se a côr da pelle fosse um signal de superioridade, o que seria dos portuguezes ao pé dos povos do norte? Basta, que já fui longe n'esta questão ethnographica.

Como se vê, o sr. Urbano não se deve metter mais a escrever, porque se não é parvo, compromette horriavelmente a causa que defende. Se escreve por especulação ou porque lhe pagam para descompor, nada digo; porque a fome é tão poderosa que leva o homem á antropophagia.

Estou d'aqui vendo o nosso feroz Mayeux a mergulhar a cabeça na giba, como um ovo em certo pão do Algarve, e a oscillal-a de cima para baixo, promettendo vingar-se com usura por todos os modos do nosso bom humor! Respondo-lhe com os versinhos de um brasileiro:

Que estatico marres,
 Que estilico mirres,
 Que estolido morras,
 Que marres, que mirres, que morras.
 A mim que se me dá.

Ainda não conclui, temos mais coisinhas bonitas. O meu espirito gosta da variedade, e assim descança ás vezes, passando de um tom a outro.

Não sei porque, á proporção que leio e avanço no estudo do primor de atticismo e *urbanidade* do nosso Cacasseno da imprensa, sinto-me com vontade de rir e de dar uma gargalhada homérica! será porque á vista d'estas declamações desbragadas, d'estas furias de encommenda, d'este patriotismo forçado, se poderá tambem aqui applicar o

Quod abundat non nocet?

Parece-me, ao ler esta berraria toda, estar vendo um palhaço nos bicos dos pés, a soprar com toda a força n'uma bexiguinha, e depois de apertal-a, gritar como um possessor: «Vejam, senhores! vejam quanto fel está n'este odre immenso! uma só gota bastaria para azedar as ondas do nosso patrio rio, desde suas vertentes até o fundo do oceano! «Enforque-se o traidor, e...»

Deixemos o resto para amanhã.

Aqui estamos; que bella noite!

Foi bom este intervallo, porque tive a visita do meu antigo mestre. Li-lhe quanto escrevi, e fiquei satisfeito do que me disse; e accrescentou:

«A posição d'esse homem, é excellente, porque nada tem que perder; é mil vezes mais livre do que a nossa, pois que seu horisonte social não é ligado a certas considerações e respeitos, que cercam o homem que se estima e se respeita. Tenho principios severos, aos quaes obedeço desde a infancia, porque os amo; e elle, como não tem nenhuns, possui a liberdade do homem que nada respeita, e que segue o impulso horario de suas inconsequencias e versatilidade. Elle póde maltratar o nosso paiz, atirar-lhe todos os dardos da calumnia, feril-o com as armas fementidas de seu caracter desleal, satisfazer sua colera impudica, e eu devo por, dever e respeito acatar o seu paiz, que é o de meus avós e pae, para não desmentir-me do que escrevi e estampeei an-

tes de vir a Portugal. Nunca santifiquei o Brasil, *quand même* porque viajei muito, comparei bastante, e sei o que é a nossa terra, o que ella vale, e o que será em breve. Apesar de estar mais adiantada do que estão alguns pontos da Europa, cujos filhos são tão fatuos e tão ignorantes, que se julgam no melhor dos mundos, nós brasileiros levamos ao excesso o nosso descontentamento, talvez pela vivacidade da nossa imaginação, e pelas viagens continuas que fazemos. Faça o que entender, responda, diga-lhe isto mesmo, porque eu lhe não respondo; acho-o tão ordinario, tão vulgar, tão abaixo do que eu pensava, que prefiro o silencio. Ninguém pôde refutar aquelle que se refuta a si proprio. O meu amigo classificou bem aquelle libello infamatorio, quando o chamou de suicidio moral. O que me faz compaixão, e grande compaixão, é ver um pobre diabo, como este, ter a philaucia e a demencia de se persuadir que é melhor do que nós todos, e considerar-se d'uma casta superior, uma especie de brahmene, nascido não sei de que cabeça, de que deus, para querer rebaixar-nos, sendo da mesma origem, e por isso mau parente da grande familia, que está nos dois mundos. Não fallemos mais d'elle.»

Vê-se que os sentimentos são differentes, e que o respeitavel ancião tem o juizo claro, e vê tudo.

Como não tenho aquella prudencia, e nem a obrigação de não comprometter uma posição official em discussões com um homem como o sr. Urbano, vou seguindo meu caminho, e recomeço a analyse da sua diatribe.

Parece claro e concludente, que o sr. Urbano, e seus centos de amigos, não gostaram do modo porque se terminou a guerra com o Paraguay; de outra sorte não se explica a sua colera, e a ogeriza com que ficou ao general Camara. Nós é que somos Cains por indole.

Certamente, que nasceu para ir ter ás galés perpetuas, o homem que admira o despota sanhudo, o algoz incansavel, o tyranno cruel, o fratricida, o sacrilego, o debochado, o traidor, que em paz invadiu o Brasil e o roubou, sem de-

claração de guerra, e que tem a impudencia e o cynismo de o confessar! Este homem, se não é pago, se não é um vil instrumento de alguns mariolas disfarçados, é uma creatura perdida para Deus e para os homens.

É necessario, sr. Urbano Loureiro, descer ao ultimo grau da elevação moral do homem, para se sympathisar com o monstro a quem Deus disse: Basta, não matarás tua mãe!

Agora, não sei como classificar aquelles que, por odio abjecto, ou por um vil salario, não tem pejo de endeusar o crime.

Quando estive a primeira vez no Porto, ouvi fallar do Salamalek a duas pessoas; mas agora d'esta vez a mais de duzentas, e com expressões bem fortes! Um momento pensei que o tal Urbano Loureiro fosse um d'esses poucos inimigos do Brasil, que por aqui rolam, procurando justificar a ingratição pelo odio, e o odio pela calumnia, para assim mascararem as causas porque de lá saíram ou fugiram; e a final vim a saber quem era, e agora ultimamente o vi, por curiosidade.

Foi n'esses dias que se espalhou pela cidade um avulso dedicado ao RIGOLETTO PHARMACOPOLA, de que tenho um exemplar bem guardado, porque é assignado por um PORTUGUEZ! Pelo estudo que fiz d'aquelle avulso, e do que me informaram, completei o meu juizo, e hoje estou convencido de que um homem se perverte pouco a pouco, segundo a natureza de seus instinctos, porque não é possivel attingir logo a esse grau de elevada maldade sem occorrencias que motivem tal progresso.

O Rigoletto Pharmacopola pertence a certa classe de ambiciosos malogrados, que se irritam da justiça da sociedade, por não quererem reconhecer a inferioridade de seus proprios talentos, e a deslocação do seu orgulho selvagem. Vingam-se pelo ultrage; atacam todas as reputações, todas as glorias do seu paiz, todas as summidades da sociedade, e buscam no meio d'esta um apoio, ainda que ignobil, para colherem as ovações da crapula invejosa, tanta sede tem de

serem conhecidos e nomeados: Não podendo edificar, destroem, pois que é sabido, que a actividade quando não pôde subir, desce, e desce precipitadamente.

Soube então que suas esperanças de dramaturgo tinham sido coroadas com uma solemne pateada, e que os jornaes sérios lhe tinham negado suas columnas, e que seu nome era despresado de toda a gente limpa do Porto!

Dir-me-hão agora: se tu sabias d'isto tudo, porque respondes a semelhante homem?

Porque no Brasil ninguem o conhece, e porque elle pertence áquella especie, que toma a prudencia por cobardia, a sinceridade por tolice, e a dignidade por um absurdo. Respondo-lhe, porque venero a imprensa, e porque não sou dos que fingem entregar ao desprezo os ataques sem defeza, e as accusações sem replica, e as calumnias sem um desmentido. Respondo porque sou brasileiro.

Conheço a maxima do meu antigo mestre e amigo: «Pouco se pôde fazer com os homens que batem moeda com a calumnia e o escandalo, porque esses homens não tem moral.» É verdade, mas o caso aqui muda: é preciso reagir de algum modo contra os effeitos e resultados futuros, e isto para bem dos portuguezes de lá e de cá. Os peores ceigos são os que fecham os olhos.

Affirmaram-me no Porto, que o sr. Urbano, nos enlevos de seu falso patriotismo, concebera uma traça, para fazer cessar a emigração para o Brasil, e esta, segundo seus confidentes, consiste em dizer aqui todo o mal possivel contra o Brasil, até irritar os brasileiros, e leval-os ao ponto de não quererem lá portuguezes! Não ha duvida, que este plano é um plano tão moral, e tão politico e economico, que só poderia surgir de um Tiberio alcouceiro, de um magarefe politico, ou de um verdadeiro Cain!

Esta inspiração genial, tão consentanea com os principios de uma escola perversa, alheia a todos os sentimentos moraes, ha de dar bons fructos a Portugal; e é mais um dos elementos dissolventes, que minam este bello paiz. Os ho-

mens perdidos, e hydrophobos no meio de rios salutaes, são os unicos que podem ter estas idéas deshumanas.

Dizem que o sr. Urbano justifica a excellencia d'este plano com uma unica rasão, proclamando que *em Portugal tambem ha pão*. Ha, meu rico senhor, mas não chega a todos, pois que os jornaes quotidianamente estão a fallar na falta de trabalho! Se houvesse pão para todos, eu não encontraria no Minho, na terra mais bella e fecunda d'este reino, algumas cidades que são verdadeiras Mendigopolis! Braga é uma praga.

A grande quantidade de mendigos que ha em Portugal, exprime um antagonismo social, digno de reparo. Se indica que ha muita caridade de uma parte, tambem revela muita ociosidade e incuria da outra, ou peor ainda, que é a grande quantidade de maus parentes, que deixam seus maiores invalidos entregues á miseria e porquidade. A proporção relativa é que me faz dizer isto, porque tenho viajado muito.

Creio que respondi ao tal Punhado de Verdades do sr. Urbano Loureiro.

O consul geral do Brasil foi provocado, e sonogada a carta provocadora, que acompanhou mais insultos ao Brasil.

Os falsos moedeiros do Porto, não foram absolvidos pelos tribunaes de Portugal, porque foram condemnados, e o serão ainda, apesar de.....

A hospitalidade brasileira está comprovada pela emigração, principalmente pela de Portugal.

E os admiradores de Lopez são homens perdidos.

Terminarei estas palavras, repetindo o que hontem á noite ouvi ao sr. Porto-alegre, a respeito dos Salamalekes, que aviltam a imprensa portuense:

«Tenho muito honra, e até muita gloria em ter por inimigos os inimigos da minha patria.»

Lisboa 28 de julho de 1870.

Um Brasileiro